



ANO XLVI - Nº 59

TERÇA FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 1991

BRASILIA _ DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 46^a SESSÃO CONJUNTA, EM 5 DE AGOSTO DE 1991

Sessão solene destinada a recepcionar o Senhor Nelson Mandela.

Ata da 46^a Sessão Conjunta, em 5 de agosto de 1991

1^a Sessão Legislativa — ORDINÁRIA — da 49^a Legislatura

Presidência do Sr. Mauro Benevides

ÀS 18 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

Alexandre Costa — Almir Gabriel — Antonio Mariz — Áureo Mello — Carlos Patrocínio — Cid Sabóia de Carvalho — Divaldo Suruagy — Elcio Álvares — Esperidião Amin — Garibaldi Alves — Henrique Almeida — Humberto Lucena — João Calmon — João França — Josaphat Marinho — José Paulo Bisol — José Sarney — Magno Bacelar — Marco Maciel — Mário Covas — Maurício Corrêa — Mauro Benevides — Meira Filho — Moisés Abrão — Nabor Júnior — Nelson Carneiro — Odacir Soares — Oziel Carneiro — Ronaldo Aragão — Ruy Bacelar — Valmir Campelo — Wilson Martins.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Roraima

Avenir Rosa — PDC; João Fagundes — PMDB; Marcelo Luz — PDS; Rubem Bento — Bloco; Teresa Jucá — PDS.

Amapá

Aroldo Góes — PDT; Eraldo Trindade — Bloco; Fátima Pelaes — Bloco; Gilvam Borges — Bloco; Lourival Freitas — PT; Murilo Pinheiro — Bloco; Sérgio Barcellos — Bloco; Valdenor Guedes — PTB.

Pará

Alacid Nunes — Bloco; Domingos Juvenil — PMDB; Eiel Rodrigues — PMDB; Hilário Coimbra — PTB; Mário Chermont — PTB; Mario Martins — PMDB; Osvaldo Melo — PDS; Paulo Rocha — PT; Socorro Gomes — PC do B;

Amazonas

Átila Lins — Bloco; Beth Azize — PDT; Ézio Ferreira — Bloco; José Dutra — PMDB; Pauderney Avelino — PDC; Ricardo Moraes — PT.

Rondônia

Jabes Rabelo — PTB; Maurício Calixto — PTB; Pascoal Novaes — PTB; Raquel Cândido — PDT.; a4

Acre

Adelaide Neri — PMDB; Celia Mendes — PDS; João Tota — PDS; Mauri Sérgio — PMDB; Ronivon Santiago — PMDB; Zila Bezerra — PMDB.

Tocantins

Eduardo Siqueira Campos — PDC; Freire Júnior — Bloco; Hagahus Araújo — PDC. Merval Pimenta — PMDB;

EXPEDIENTE
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

PASSOS PÓRTO

Diretor-Geral do Senado Federal

AGACIEL DA SILVA MAIA

Diretor Executivo

CARLOS HOMERO VIEIRA NINA

Diretor Administrativo

LUIZ CARLOS DE BASTOS

Diretor Industrial

FLORIAN AUGUSTO COUTINHO MADRUGA

Diretor Adjunto

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Semestral Cr\$ 3.519,65

Tiragem 2.200 exemplares.

Maranhão

Cesar Bandeira — Bloco; Cid Carvalho — PMDB; Costa Ferreira — Bloco; Daniel Silva — Bloco; Francisco Coelho — PDC; João Rodolfo — PDS; José Burnett — Bloco; José Carlos Sabóia — PSB; José Reinaldo — Bloco; Pedro Novais — PDC.

Ceará

Aécio de Borba — PDS; Carlos Benevides — PMDB; Edson Silva — PDT; Etevaldo Nogueira — Bloco; Gonzaga Mota — PMDB; José Linhares — PSDB; Luiz Pontes — PSDB; Marco Penaforte — PSDB; Maria Luiza Fontenele — PSB; Mauro Sampaio — PSDB; Ubiratan Aguiar — PMDB; Vicente Fialho — Bloco.

Piauí

B. Sá — PDS; Caldas Rodrigues — Bloco; Ciro Nogueira — Bloco; Felipe Mendes — PDS; Jesus Tajra — Bloco; João Henrique — PMDB; Murilo Rezende — PMDB; Paes Landim — Bloco;

Rio Grande do Norte

Iberê Ferreira — Bloco.

Paraíba

Adauto Pereira — Bloco; Efraim Moraes — Bloco; Evaldo Gonçalves — Bloco; Francisco Evangelista — PDT; Ivandro Cunha Lima — PMDB; José Luiz Clerot — PMDB; Rivaldo Medeiros — Bloco; Vital do Rego — PDT.

Pernambuco

Fernando Bezerra Coelho — PMDB; Gustavo Krause — Bloco; Inocêncio Oliveira — Bloco; José Carlos Vasconcelos — Bloco; Luiz Piauhylino — PSB; Maurílio Ferreira Lima — PMDB; Maviael Cavalcanti — Bloco; Miguel Araeas — PSB; Pedro Correia — Bloco; Renildo Calheiros — PC do B; Roberto Franca — PSB; Roberto Magalhães — Bloco; Salatiel Carvalho — Bloco; Wilson Campos — PMDB.

Alagoas

Antônio Holanda — Bloco; Cleto Falcão — Bloco; Olavo Calheiros — S/P.

Sergipe

Benedito de Figueiredo — Bloco; Messias Góis — Bloco.

Bahia

Ângelo Magalhães — Bloco; Aroldo Cedraz — Bloco; Beraldo Boaventura — PDT; Genebaldo Correia — PMDB; João Alves — Bloco; Jorge Khoury — Bloco; José Falcão — Bloco; Luís Eduardo — Bloco; Luiz Moreira — PTB; Pedro Irujo — Bloco; Prisco Viana — PMDB; Sebastião Ferreira — PMDB; Sérgio Brito — PDC.

Minas Gerais

Aracely de Paula — Bloco; Avelino Costa — PL; Genésio Bernardino — PMDB; Humberto Souto — Bloco; Irani Barbosa — PL; Israel Pinheiro — PRS; José Santana de Vasconcelos — Bloco; Luiz Tadeu Leite — PMDB; Nilmário Miranda — PT; Odelmo Leão — Bloco; Paulo Delgado — PT; Samir Tannús — PDC; Tilden Santiago — PT; Vittorio Medioli — PSDB; Wagner do Nascimento — PTB.

Espírito Santo

Etevalda de Menezes — PMDB; Jório de Barros — PMDB; Nilton Baiano — PMDB; Paulo Hartung — PSDB; Rita Camata — PMDB; Roberto Valadão — PMDB.

Rio de Janeiro

Aldir Cabral — PTB; Amaral Netto — PDS; Benedita da Silva — PT; Jair Bolsonaro — PDC; Jamil Haddad — PSB; Jaquira Feghali — PC do B; José Egydio — Bloco; Laerte Bastos — PDT; Sandra Cavalcanti — Bloco; Sérgio Arouca — PCB; Vivaldo Barbosa — PDT.

São Paulo

Alberto Haddad — PTB; Aldo Rebelo — PC do B; Edvaldo Alves da Silva — PDS; Eduardo Jorge — PT; Euclides Mello — Bloco; Fabio Meirelles — PDS; Florestan Fernandes — PT; Heitor Franco — PDS; José Dirceu — PT; José Genoino — PT; Koyu Iha — PSDB; Magalhães Teixeira — PSDB; Maluly Netto — Bloco; Nelson Marquezelli — PTB; Roberto Rollemberg — PMDB; Vadão Gomes — Bloco; Valdemar Costa — PL.

Mato Grosso

Augustinho Freitas — PTB; José Augusto Curvo — PL.

Distrito Federal

Augusto Carvalho — PCB; Benedito Domingos — PTR; Chico Vigilante — PT; Eurides Brito — PTR; Maria Laura — PT; Osório Adriano — Bloco; Sigmaringa Seixas — PSDB.

Goiás

Antônio de Jesus Faleiros — PMDB; Délia Braz — PMDB; João Natal — PMDB; Lúcia Vânia — PMDB; Luiz Soyer — PMDB; Mauro Miranda — PMDB; Paulo Mândarino — PDC; Roberto Balestra — PDC.

Mato Grosso do Sul

Elísio Curvo — Bloco; José Elias — PTB; Valter Pereira — PMDB.

Paraná

Basílio Villani — Bloco; Carlos Scarpelini — PMDB; Delcino Tavares — PMDB; Edi Siliprandi — PDT; Élio Dalla-Vechia — PDT; Ivanio Guerra — Bloco; Joni Varisco — PMDB; Luiz Carlos Hauly — PMDB; Munhoz da Rocha — PSDB; Onaireves Moura — PTB; Paulo Bernardo — PT; Pedro Tonelli — PT; Reinhold Stephanes — Bloco; Romero Filho — PMDB; Said Ferreira — PMDB; Werner Wanderer — Bloco; Wilson Moreira — PSDB.

Santa Catarina

Ângela Amin — PDS; César Souza — Bloco; Dejandir Dalpasquale — PMDB; Eduardo Moreira — PMDB; Jarvis Gaidzinski — PL; Orlando Pacheco — Bloco; Paulo Duarte — Bloco; Renato Vianna — PMDB; Ruberval Pilotto — PDS; Vasco Furlan — PDS.

Rio Grande do Sul

Adão Pretto — PT; Adylson Motta — PDS; Amaury Müller — PDT; Carrion Júnior — PDT; Celso Bernardi — PDS; Eden Pedroso — PDT; Fetter Júnior — PDS; Germano Rigotto — PMDB; Ivo Mainardi — PMDB; João de Deus Antunes — PDS; Mendes Ribeiro — PMDB; Odacir Klein — PMDB; Paulo Paim — PT; Wilson Müller — PDT.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Declaro aberta a sessão destinada a recepcionar o Sr. Nelson Mandela.

Encontra-se no edifício do Congresso Nacional nosso ilustre visitante.

Para introduzi-lo neste plenário, designo comissão constituída pelos Líderes dos partidos políticos, representados na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, e pelos Presidentes das Comissões de Relações Exteriores das duas Casas do Congresso Nacional.

(Acompanhado da comissão designada, dá entrada no plenário o Sr. Nelson Mandela, ocupando, na mesa, o lugar que lhe está reservado à direta do Sr. Presidente Mauro Benevides.) (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Exmº Sr. Líder Nelson Mandela, grande homenageado desta sessão solene do Congresso Nacional; Exmº Sr. Deputado Genésio Bernardino, Presidente em exercício da Câmara dos Deputados; ilustres membros da Mesa, Deputados Inocêncio Oliveira e Meira Filho; Srs. Embaixadores; demais autoridades, Srs. Senadores e Deputados, ao recebermos, nesta sessão solene, a honrosa visita de Nelson Mandela, queremos saudar o líder que personifica o símbolo da resistência contra a tirania racista; o advogado que colocou a profissão a serviço dos ideais de justiça, dignidade e liberdade; o humanista que luta por uma sociedade onde as pessoas sejam definidas não pela raça, classe ou religião, mas por sua individualidade; o demo-

crata que conseguiu despertar multidões para a conscientização dos direitos assegurados à pessoa humana.

Fundador e hoje Presidente do Congresso Nacional Africano (ANC, African National Congress), uma das organizações mais antigas do nacionalismo negro, cujo objetivo é a criação de um sistema democrático e multirracial, Mandela, em função de sua atuação anti-racista, foi preso várias vezes e condenado à prisão perpétua em 1963. Venceu o cárcere após 28 anos de cativeiro sem fazer concessões. Ao lhe ser proposto um acordo para a sua libertação, respondeu com serenidade e firmeza: "Apenas os homens livres podem negociar. Os prisioneiros não fazem contratos... e continuou: eu não irei assumir nenhum compromisso em uma época em que eu e vocês, o povo, não somos livres. A liberdade de vocês e a minha não podem ser separadas". As palavras proferidas retratam bem a personalidade do Líder que conquistou o respeito universal por suas atitudes e ações: fraternas e solidárias em relação aos oprimidos; fortes, enérgicas e desafiadoras para com os opressores.

O livro de sua autoria, "A Luta é Minha Vida", contém uma série de textos sobre o movimento de resistência ao "apartheid", haja vista a "Carta da Liberdade", cujo conteúdo reflete as aspirações da população negra; e os depoimentos por ele prestados, quando foi acusado de traição (1956-1960), e no julgamento de Rivônia (1963-1964). São peças nas quais se constata que a prisão não arrefeceu as convicções de ideólogo e ativista. Pelo contrário, consolidou arraigadamente seus princípios e fez dele um herói, como declarou, em 1988, o Presidente da Checoslováquia, Gustav Husak: "Valente postura de revolucionário e patriota que muitos anos de prisão não conseguiram acabar". Preso, portanto, foi o mais livre dos homens no ideário que abraçou e o levou a jamais se conformar com a submissão a viver sem liberdade.

Reconhecido como intérprete maior do sentimento nacional da raça negra, Mandela congregou as atenções dos países civilizados, que reivindicaram a sua libertação em nome da própria dignidade humana. Livre, não guardou ódios ou ressentimentos e, em 1990, anunciou a suspensão de todas as ações armadas contra o regime sul-africano, com o propósito de facilitar as negociações de paz.

A partir de então, intensificam-se os movimentos nesse sentido, cabendo a V. Exº chamar a atenção para o fato de que a "violência não beneficia a África do Sul, nem os negros, nem os brancos".

Temos certeza — Líder Nelson Mandela de que, escudados nessas diretrizes e na força da cultura, os homens de bom senso irão encontrar uma solução justa para os problemas africanos, com a consequente eliminação do racismo no concerto das nações.

Os parlamentares brasileiros congratulam-se com o Governo pelo convite formulado à V. Exº para esta visita que, sem dúvida, nos ensejará uma visão melhor da realidade sul-africana e da evolução do processo de paz em toda a região.

No estadista Nelson Mandela concentram-se, hoje, as esperanças de uma solução negociada para o futuro do seu país e da estabilidade em todo o continente africano.

O Brasil, que sempre repugnou qualquer tipo de discriminação, elevou, agora, em nível constitucional, como crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, a prática do racismo.

Na qualidade de povo livre e democrata, homenageamos Nelson Mandela, fazendo nossas as palavras do jornalista Jesse Jackson:

"Como Martin Luther King, ele irradia a promessa de liberdade".

Vendo em V. Ex^a cristalização dessa promessa e a figura máxima da luta contra o "apartheid", é que lhe conferimos o Grande Colar — condecoração de honra do Congresso brasileiro, cuja outorga constitui o tributo maior do Parlamento nacional a quem tanto dignificou os supremos ideais da humanidade. (Palmas.)

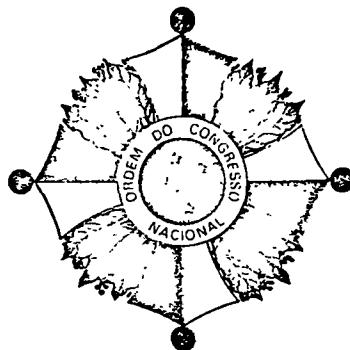
O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Peço ao Plenário que de pé assista neste momento à outorga do Grande Colar do Congresso Nacional ao grande líder Nelson Mandela.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Srs. Congressistas e autoridades, cabe-me a honra, como Grão-Mestre da Ordem do Congresso Nacional, de conferir a S. Ex^a, o Sr. Nelson Mandela, o Grande Colar da mesma Ordem.

O Sr. Chanceler da Ordem do Congresso Nacional, Deputado Genésio Bernardino, procederá à leitura do ato de nomeação.

É lido o seguinte.

Ordem do Congresso Nacional



ATO DE NOMEAÇÃO N° 02 , DE 19 91

De acordo com o art. 1º do Regimento Interno da Ordem do Congresso Nacional, criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23 de novembro de 1972, é nomeado membro da Ordem e agraciado com a condecoração de Grande Colar o Senhor Nelson Rolihlahla Mandela

Brasília, 5 de agosto de 1991

Chancery
Grão-Mestre da Ordem

Benevides
Chanceler da Ordem

M. M. C. B.
Secretário da Ordem

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Eraldo Trindade, que, por indicação do Presidente da Câmara dos Deputados, falará em nome dos representantes desta Casa do Congresso Nacional.

O SR. ERALDO TRINDADE (Bloco — AP. Pronuncia o seguinte discurso.) — Exmº Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Mauro Benevides; Exmº Sr. Presidente da Câmara dos Deputados em exercício, Deputado Genésio Bernardino; Exmº Sr. Presidente do Congresso Nacional Sul-Africano, Sr. Nelson Mandela; Exmº Srº Winnie Mandela, símbolo mundial da luta da mulher negra contra a discriminação racial; autoridades aqui presentes ou representadas; nobres pares, quis o destino que recaísse sobre mim a honra de saudar, em nome da Câmara dos Deputados, aquele que representa hoje o símbolo vivo mais brilhante da luta do homem pela liberdade e pela justiça. O Dr. Nelson Mandela, que nos honra a todos ao visitar esta Casa, expressão maior da soberania de nosso povo, representa um tipo de ser humano cada vez mais raro, pois, no seu idealismo e na busca incansável de um mundo mais justo, dá-nos esperança quanto ao futuro e deixa-nos mais orgulhosos de pertencermos à raça humana.

Aqui se expressam, pela voz legítima dos representantes da Nação, os reclamos e anseios da gente brasileira, em cujas veias corre o sangue de nossos antepassados africanos, transplantados à força para o Novo Mundo, subjugados à condição servil. Construiu-se este País, Dr. Nelson Mandela, com o esforço de brasileiros vindos de todos os Continentes; mas não se pode omitir o fato de que aos negros exigiu-se um sacrifício maior, o do trabalho escravo, por quase quatro longos séculos, imposto, sem a tal “docilidade dos trópicos”, apregoada até mesmo por renomados estudiosos das ciências sociais.

Apesar das agruras do cativeiro e dos vícios psicológicos e sociais advindos de tamanho barbarismo, pudemos construir uma sociedade multiracial, onde a convivência entre as pessoas não obedece à perversa lógica segregacionista que ainda hoje vitima o povo sul-africano. Temos um longo trabalho de construção de uma sociedade mais justa e igualitária, em que sejam garantidos a todos os brasileiros, desde o nascimento, a igualdade de oportunidade e o direito à vida digna. O preconceito racial, que lamentavelmente ainda povoa a mente de alguns brasileiros, possui aqui forte conotação social e econômica, que o dilui substancialmente, disfarçando o vício maior. A Constituição do Brasil, no seu capítulo “Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos”, dispõe, contudo, que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão”. Trata-se de uma garantia constitucional importantíssima, que, embora não cure o mal, oferece proteção legal contra a prática hedionda do preconceito.

Dr. Nelson Mandela, a Câmara dos Deputados da República Federativa do Brasil acompanhou sempre com grande preocupação os desdobramentos da crise interna na África do Sul. Denunciamos constantemente a aberrante existência de um regime que preconiza o desenvolvimento político separado para os diferentes grupos que compõem a população sul-africana, fundado em princípios de superioridade racial e mantido pela força das armas. Os Anais desta Casa registram inúmeras manifestações de apoio à luta comandada por V. Exº e pelos líderes autênticos do povo sul-africano, assim como

condenações taxativas à política do apartheid praticada pelo Governo de Pretória.

Regozijamo-nos imensamente, no inesquecível dia 11 de fevereiro de 1990, com a tão esperada libertação de V. Exº após longos anos de martírio e sofrimento. Sabíamos, no entanto, pelos ensinamentos cristãos e pela lição da História, o quão redentor pode ser o sofrimento imerecido, quando impingido aos homens de elevada estirpe, movido por ideais nobres. Qual não foi a surpresa dos seus algozes quando, ao castigarem o corpo, viram-se impotentes para subjugar o seu espírito! E mais surpreendente ainda é vislumbrar em seu semblante, marcado pelos anos de luta, a mesma obstinação pela liberdade e pela justiça que já exibia em décadas passadas e a ausência completa de rancor ou desejo de vingança.

As reformas promovidas até o momento pelo Governo do Presidente De Klerk permitiram de fato a derrubada do insidioso arcabouço legal que sustentava o apartheid. Todos os indícios apontavam para as boas intenções do Presidente sul-africano, interessado no desmantelamento do regime de exceção e na abertura de diálogo sincero e objetivo com a maioria. A sinceridade daquele governo foi posta em questão nos últimos dias com a denúncia, confirmada pelo próprio Presidente De Klerk, de financiamento secreto a organizações políticas interessadas na desestabilização do Congresso Nacional africano. De todo esse vergonhoso episódio, eleva-se ainda mais o perfil de V. Exº Dr. Nelson Mandela, e do Congresso Nacional africano, do qual é o Presidente, como verdadeiramente comprometidos com a democratização da África do Sul.

Creio falar em nome da esmagadora maioria desta Casa quando lanço um apelo ao Presidente Fernando Collor para que mantenha as sanções impostas pelo Brasil, desde 1985, à República da África do Sul. É preciso que sejam libertados todos os prisioneiros políticos, encarcerados por crime de consciência; que seja aberta uma ampla discussão com vistas ao futuro institucional da África do Sul; que se garanta a todo o povo sul-africano, independentemente de raça, credo ou convicção ideológica, a plenitude dos direitos políticos.

Dr. Nelson Mandela, esteja certo de que o povo brasileiro, legitimamente representado por estes nobres parlamentares que hoje o acolhem nesta egrégia Casa, não o abandonará jamais na luta pela liberdade da nação sul-africana.

Gostaria de encerrar o meu pronunciamento lendo a todos os presentes os trechos finais do libelo de defesa do Dr. Nelson Mandela, feito no dia 11 de junho de 1964, no tristemente célebre “julgamento de Rivónia”, em que se condenou à prisão perpétua o pai da nação sul-africana. Se todas as minhas palavras anteriores não tiverem bastado para convencer os pessimistas e os incautos quanto à nobreza deste homem e à importância do comprometimento de todos os cidadãos do mundo na luta, que ouçam o que ele próprio tem a dizer:

“Toda a minha vida foi dedicada à luta do povo africano. Lutei contra a dominação branca e contra a dominação negra. Escolhi o ideal de uma sociedade democrática e livre, na qual todas as pessoas possam viver juntas em harmonia, com oportunidades iguais. É um ideal pelo qual espero viver e atingir um dia. Mas, se for necessário, é um ideal pelo qual estou disposto a morrer.”

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao Senador Nelson Carneiro, que falará pelo Senado Federal.

O SR. NELSON CARNEIRO (PMDB — RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Exm^{os} Sr. Presidente do Congresso Nacional, Senador Mauro Benevides, Exm^o Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Exm^o Srs. Embaixadores, Sr. Nelson Mandela, Sr^a Winnie Mandela, minhas senhoras e meus senhores, o Senado Federal reverencia, em V. Ex^a, Sr. Nelson Mandela, todos os que, nesses últimos cem anos, sonharam, lutaram e sofreram pela liberdade. Essa porfia nasceu com o suor do rosto na conquista do pão de cada dia. A história da humanidade é assim a história da liberdade. Muitos padeceram, tantos sucumbiram, poucos triunfaram, mas todos estiveram a seu serviço. Se os séculos condenam aos que a ela se opuseram, recordam os que jamais a abandonaram. Quanto mais tentam dividi-la, mais a liberdade se unifica. Liberdade não tem cor, não tem pátria, não tem raça, não tem senhor. Vive sob o sol de todos os continentes, como o ar que se respira, o vôo da ave que corta os caminhos do céu. Não tem idade, nem preconceitos. Sem ela, de que valeria viver? Nos cárceres e no exílio, a esperança é cultuada, porque serve à ânsia de liberdade. Conhece V. Ex^a a penitência, longa penitência de esperar, anos a fio, a liberdade de seu povo, num tempo em que os oprimidos, ainda os mais poderosos, eram e são mais infelizes do que os oprimidos. Tomas Paine advertia, vai por duzentos anos, que “quem quiser garantir a própria liberdade deve preservar da opressão até o seu inimigo, sob pena de estabelecer um precedente que acabará por atingi-lo”. Porque, fácil será concluir, os perseguidos poderiam confiar que um dia, tarde ou cedo, floresceria para eles a liberdade. E os outros, por mais livres que se julgassem, sabiam que as grades das prisões não prendem e não matam o anseio de liberdade e que as galas do poder não apagam o remorso que corrói a consciência. “Os que negam a liberdade aos outros”, disse Lincoln, “não a merecem para si mesmos.” A liberdade não tem dia para começar, nem hora de terminar. Ela vive enquanto vive a fé, a fé de que a liberdade não pode tardar. Mas não basta obtê-la, é indispensável cuidá-la a todo o momento, vigiá-la para que não pereça. Os inimigos da liberdade não se rendem, transigem momentaneamente. Quando não aparecem ostensivamente, estipendiam outros para que os substituam na empreitada de perturbá-la, até tentar extinguí-la. Tem muitos flancos a liberdade. Há que cuidar de todos. Se um é atingido, a liberdade corre perigo. Em memorável oração de paraninfo, João Mangabeira repetia que a “única solução para o problema da liberdade está na igualdade”. Lembrava que aos emissários da ilha de Melos respondiam os atenienses: “Isso de direito só existe entre iguais. Entre fortes e fracos, os fortes fazem o que podem e os fracos sofrem o que devem”. E para Cícero, “nada podia haver mais doce do que a liberdade; mas se não é igual, nem liberdade é”.

Porque V. Ex^a nas agruras de sua pregação e no exemplo de seu sacrifício tem entendido que a liberdade sem a igualdade não é liberdade, mas opressão, foi que a Ordem do Mérito do Congresso Nacional lhe conferiu a honraria máxima, reservada, com elogiável parcimônia, aos que têm prestado à humanidade inestimáveis serviços. E a estende à Sr^a Winnie Mandela, sua companheira de ideal, de reveses e de vitórias, tantos anos sua voz e seu protesto.

Com as insígnias de nossa confraria, Sr. Nelson Mandela, continue V. Ex^a sua peregrinação em favor da liberdade. Nós, os brasileiros, não só o compreendemos, não só o aplaudimos. Ao acolhê-lo fraternalmente nesta Casa de homens livres, num país em busca da consolidação de sua própria liberdade, queremos continuar partilhando sua determinação e seu destino. Há um século, o maior de nossos poetas indagava onde estava Deus, que não respondia aos apelos pela igualdade de todos os homens, em que mundo, em que estrela, ele, o Senhor se escondia.

Missionário da liberdade, paladino da igualdade, apuremos juntos os ouvidos, Sr. Nelson Mandela. Uma doce canção tomou conta deste recinto, como uma prece: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós”, sobre todos nós. Difícil é o caminho da liberdade. **No easy walk to Freedom**. Hoje, como ontem. Hoje, como sempre. Vamos continuar palmilhando juntos. É o nosso dever, é o nosso destino.

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Amaury Müller, autor do requerimento de que resultou na realização desta sessão solene em homenagem ao Líder Nelson Mandela.

O SR. AMAURY MÜLLER (PDT — RS. Sem revisão do orador.) — Sr. Senador Mauro Benevides, Presidente do Congresso Nacional, Deputado Genésio Bernardino, Presidente em exercício da Câmara dos Deputados, demais membros da Mesa, Srs. Ministros de Estado e de Tribunais Superiores, Srs. Embaixadores e demais membros do Corpo Diplomático, Sr^s e Srs. Parlamentares, minhas senhoras, meus senhores, Sr^a Winnie Mandela, meu irmão Nelson Mandela, há homens que, como Mahatma Gandhi, são imprescindíveis em determinados processos históricos. Homens que são verdadeiros heróis, símbolos perenes da dignidade e da altivez não só de um povo, mas de toda espécie humana. Nelson Mandela é desses homens, dessa espécie de heróis que às vezes pensamos só existir na nossa memória e na imaginação dos idealistas ou num passado que, de tão distante, parece inverossímil.

A luta contra o apartheid não se resume a uma questão de interesse exclusivo dos negros sul-africanos.

Elá está presente aqui no Brasil, na América Latina, cujas veias continuam abertas e sangrando em face da avidez do capital espoliador imperialista, em face do desrespeito continuado aos direitos da pessoa humana.

A luta contra o racismo, tenha ele a forma que tiver, é uma batalha permanente que se dá não só no interior dos países, mas no íntimo de cada indivíduo.

Se é verdade que a voz do povo é a voz de Deus, quando o povo não fala Deus fica mudo, e Deus está mudo na África do Sul, e Deus está mudo no Brasil e na América Latina, mas haverá de falar, porque o povo vai ter seu lugar na História. E, por ser uma luta que deve ser travada por cada um dos seres humanos, é uma luta internacional.

Nós e V. Ex^a, meu irmão Mandela, pertencemos a uma única raça, a raça humana. Mandela, como Gandhi, como Bolívar ou Lumumba são heróis de nossa raça, são o símbolo de que os melhores ideais da humanidade são possíveis e realizáveis, e não se calam, mesmo com a prisão de seus arautos. Aliás, precisamos reconhecer de uma vez por todas que negros, brancos, amarelos, mulatos e cafusos são apenas o plural da palavra homem e que todo homem é válido, que todo homem tem direitos.

Mandela sempre foi e continuará a ser o interlocutor dos oprimidos, a voz tonitruante da Democracia Plena, aquela

que faz falta não só à África do Sul, mas ao Brasil e a tantos outros países. Essa Democracia virá apenas e tão-somente quando estiverem materializados os valores supremos da liberdade, da Justiça Social e do respeito aos direitos humanos.

Foi por estes valores que Gandhi lutou e morreu. E por defender estes valores Gandhi também foi preso na África do Sul, coincidentemente, antes de voltar à Índia. Gandhi ficou pouco tempo preso. Mandela ficou preso durante as últimas três décadas. Pensaram seus algozes enfraquecê-lo na prisão, mas, na verdade, acabaram por fortalecerem-no, como fortaleceram as idéias de Gandhi. Como já diziam os gregos, "não existe palavra astuciosa que elimine o veneno da verdade". E agora vemos a astuciosa ditadura sul-africana ser corroída pela sinceridade e coragem das palavras e atos deste herói aqui presente, que hoje a todos nos honra receber. A corrosão da ditadura sul-africana há muito já vinha sendo prevista pelo ilustre ex-Deputado Carlos Alberto Caó, autor, alias, da Emenda Constitucional que considera imprescritível e inafiançável a prática de racismo. Quanto à corrosão da ditadura econômica brasileira, onde os interesses dos desvalidos, dos descamisados, famintos e esfarrapados são tratados como eternamente adiáveis, os idealistas não só do meu partido, mas de todas as correntes progressistas dão o melhor de si para que ela acabe, como antes já acabaram outras ditaduras e como vai acabar, de fato, o apartheid na África do Sul.

Que o futuro seja menos árido e mais soridente. E que a luz de Mandela ilumine o caminho; que haveremos de percorrer junto com a luz de tantos homens dignos que remanescem no âmago da indignada sociedade brasileira.

O povo brasileiro solidariza-se com o povo africano, através da palavra autorizada dos seus representantes e delegados e espera reencontrar-se com o povo sul-africano dentro em breve num clima de liberdade, harmonia, concórdia e respeito aos direitos humanos, quando acabarem os percalços que atualmente tumultuam e dificultam a vida do povo africano.

Meu irmão Nelson Mandela — líder de um povo e conductor de uma raça, estadista da própria humanidade —, permita-me saudá-lo como expressão de coragem, altitude e dignidade do negro sul-africano: Amandla!

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra ao nobre Deputado Miguel Arraes, que falará em nome dos demais subscritores do requerimento de convocação desta solenidade em homenagem a Nelson Mandela.

O SR. MIGUEL ARRAES (PSB — PE. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, Exmº Sr. Nelson Mandela, Presidente do Congresso Nacional Africano, haveremos de registrar a sessão de hoje como um acontecimento dos mais expressivos realizados pelo Congresso Nacional nos últimos anos.

Milhões de africanos atravessaram o oceano acorrentados pela escravidão e a presença de Nelson Mandela coloca-os na mente de todos os que olham a história de nossos continentes nos cinco séculos decorridos desde a descoberta das Américas.

Sua luta e a do povo da África do Sul é um prolongamento das lutas que muitos travaram contra a discriminação e contra a exploração.

Isto ainda hoje prossegue, sob formas diferentes mas não menos injustas pelos efeitos marginalizadores que provoca sobre os países latino-americanos e sobre as nações africanas

em geral. A redução da discriminação racial, que de todo não se extinguiu, representa apenas um dos aspectos de um sistema que continua a pesar sobre as economias mais fracas, agora endividadas, com graves reflexos sobre a vida das populações.

Essas dívidas em dólar nos são cobradas dentro de um contexto internacional que acumula riquezas onde ela sempre existiu, em benefício, apenas, de pequena parte da humanidade.

Há papéis e compromissos que as definem e as tornam líquidas e exigíveis segundo as regras do direito internacional.

A América Latina e a África continuam a exportar riquezas e capitais, como no decorrer de todos os séculos vividos desde a chegada dos descobridores.

No entanto, historicamente, somos os verdadeiros credores, se esse mesmo direito contabilizasse com justiça os sofrimentos acumulados pelos nossos povos.

A liquidação das tribos indígenas, a escravidão dos africanos, a discriminação de que são vítimas ainda hoje, os males do colonialismo e do neocolonialismo que nos atingiram e ainda atingem, a dilapidação de nossas riquezas naturais, tudo isso deixa de ser creditado nos acertos de contas rotineiros do sistema financeiro internacional.

Somos credores sem créditos e sem meios para cobrá-los.

Mas somos moralmente credores de todos os males acumulados no decorrer do tempo, o que dá força e estímulo a nossos povos para continuar a lutar por condições justas e equânimes de vida.

A luta do nosso ilustre visitante insere-se nas que se desenrolaram no passado e que irá prosseguir com mais força, na medida em que se aceleram conquistas como as que recentemente ocorreram em seu país.

Confiamos em que essas lutas prossigam e se alarguem, em todos os lugares. Sua presença na casa dos representantes do povo brasileiro simboliza a unidade dessas lutas, pelo peso moral que lhe concederam os longos anos de cativeiro e sua inabalável firmeza na defesa de princípios caros a seu povo mas também ao nosso.

Seja bem-vindo, Presidente Nelson Mandela, e pode contar com a solidariedade de todos os que aqui lutam pela mesma causa.

Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Concedo a palavra à Deputada Benedita da Silva, que falará pela comissão de recepção ao Líder Nelson Mandela. (Palmas.)

A SRA. BENEDITA DA SILVA (PT — RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, Sr. Nelson Mandela, Sr. Winnie Mandela, Srs. Embaixadores, integrantes do Corpo Diplomático, Senhoras e Senhores, o Brasil está recebendo duas grandes personalidades da luta contra o "apartheid". Ambos nossos convidados; guerreiros, lutadores, contestadores e sobretudo humanistas. Dispensam apresentações. Mas, contudo, quero falar de minha irmã de luta Winnie Mandela. Queremos prestar-lhe uma homenagem.

Lembro-me perfeitamente quando da visita feita ao ANC. Na ocasião fui portadora do convite feito pela Prefeitura de São Paulo em que solicitava ao grande líder Nelson Mandela que visitasse o Brasil, e na oportunidade integrava a comissão de parlamentares os Deputados Federais Paulo Paim, Edmilson Valentim, Caó, Domingos Leonelli e João Hermann.

Ao cumprimentar Winnie senti uma forte emoção. Com orgulho pude abraçar uma mulher que não permitiu nunca que a prisão de seu marido ficasse no anonimato, pois compreendia muito bem o que significava sua luta para os negros de todo o mundo.

Sabendo que esfriar a luta, violentar, ameaçar ou depreciar é tática comum no regime racista da África do Sul, Winnie não vacilou, nem mesmo diante das ameaças de prisão. Erguia, convicta e desenrolta, descrevia todo o quadro de enfrentamentos, ressaltando os desafios que teriam pela frente, sempre mantendo a mesma coragem e otimismo.

Sorridente sempre, Winnie demonstrava o quanto sabia das coisas. Observei como ficou surpresa e feliz ao receber de presente uma boneca preta. Aproveitou aquele momento de descontração para falar da preocupação com as crianças e sua educação presente e futura.

Que coincidência! Lembro-me de que, ao nos despedirmos, manifestou o desejo muito grande de conhecer o Brasil, mas parecia considerar remota essa possibilidade. Mas, vejam só, ei-la chegando merecidamente ao lado do seu homem, como bem expressa a música de Martinho da Vila.

Quero saudá-la, Winnie, e dizer-lhe que a similaridade da nossa luta se diferencia apenas por uma palavra: sutileza, de resto, é lá e cá. (Palmas.) Como diz Leci Brandão em sua música, você é seriedade, um exemplo de coragem.

Seja bem-vinda! És bendita, és guerreira, vitoriosa mulher. Encontrarás em nós vontade de levar a luta e afastar os obstáculos, criar condições e trazer a paz duradoura e permanente. A paz nos tambores rufando, muita gente cantando, as crianças brincando, homens e mulheres trabalhando, as flores brotando em novo porvir. Pássaros em revoada, a igreja cheia apenas de gente, cuja raça não importa, não terá mais sentido.

Somos braços que se abraçam numa nova caminhada.

Não, Winnie, não estou sonhando, quero apenas um novo amanhecer para nossa gente, para todos os povos, não quero sentir saudades, apenas prazer de ver que não foi em vão nosso trabalho. Podendo até mudar a palavra de ordem, dizendo com liberdade: a luta acabou.

A luta acabou. (Palmas prolongadas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Tenho a honra de conceder a palavra, neste instante, ao homenageado desta sessão do Congresso Nacional, nobre Líder Nelson Mandela. (Palmas prolongadas.)

O SR. NELSON MANDELA — Exmº Sr. Presidente do Congresso Nacional, Exmº Sr. Presidente da Câmara dos Deputados, Srs. Membros do Congresso Nacional, Senhoras e Senhores, minha delegação e eu estamos honrados por termos sido convidados a nos dirigir a uma sessão conjunta especial do seu Congresso Nacional. Aproveitamos esta oportunidade para transmitir nossas saudações calorosas ao Governo e ao povo do Brasil.

Viemos de um país que, pela razão mais infeliz, não precisa de apresentação: viemos da África do Sul. Para os racistas da minoria branca é a terra do apartheid e do privilégio ilegítimo. Para nós é a terra do apartheid, da opressão brutal institucionalizada e da exploração da grande maioria, cujo único pecado foi ter nascido negra. Para nós, que temos orgulho por incluir entre nós um número crescente de brancos democráticos, é também uma terra de promessa e esperança. É uma terra de promessa e esperança de que no futuro próximo o fio da humanidade que passa por todos os seres humanos

irá unir todos os sul-africanos com liberdade, democracia, justiça, paz e progresso. É uma terra que tem a esperança de que o acidente da complexão racial que tem sido utilizado para impor a divisão mais sangrenta, mais degradante e mais inumana entre os sul-africanos será visto como o que realmente é: um mero acidente.

Consequentemente, vamos nos reunir para relegar o racismo ao depósito de sucata da História, junto com outras trágicas perversões do gênero humano.

Na nossa luta contra a opressão racista e a exploração, temos tirado considerável inspiração de lutas semelhantes em outras partes do mundo.

O Dr. Du Bois, americano de origem africana, proeminente intelectual e líder da luta contra o racismo nos Estados Unidos, membro fundador do movimento pan-africano que procura ligar africanos de nosso continente e da diáspora africana, fez uma previsão que continua a ser relevante para nossos esforços coletivos, no sentido de combater o racismo nos dois lados do Atlântico e onde quer que ele possa se encontrar. Disse o Dr. Du Bois: "O problema do Século XX é o problema da linha da cor". A correção dessa previsão, naturalmente, é auto-explicativa. É evidente que onde quer que tenha havido encontros históricos duradouros entre povos de origem européia e povos de outras partes do mundo, tristemente, e quase sem exceções, seguiu-se o racismo. A colonização européia na maior parte do mundo foi marcada pelo racismo, bem como pela opressão, exploração e tentativas de degradação e desumanização dos povos de cor. (Palmas.)

Assim tem havido também lutas por povos de cor, por vezes reforçadas por pessoas democráticas de origem européia, para combater e superar o racismo; por vezes isso foi feito no contexto da luta contra o colonialismo, como na África e na Ásia; por vezes tem sido feito dentro do quadro de democracias auto-intituladas, como, por exemplo, nas Américas.

O sucesso ou falha dessas lutas tem variado de lugar para lugar. O desafio para todos nós que combatemos o racismo é darmos as mãos em solidariedade e apoio onde quer que possa ser necessário, para que possamos varrê-lo da face da Terra completamente.

Sr. Presidente, membros do Congresso Nacional, estamos felizes por relatar que no nosso País o edifício racista está começando a rachar, a tal ponto que se tornará irreparável, o que levanta a possibilidade de que nosso ideal de uma África do Sul unida, não racial, não seccionada e democrática possa se transformar em realidade viva. Nossos esforços concertados serão a ponte entre um passado trágico que continua a envenenar o presente e o futuro brilhante pelo qual estamos preparados a dar nossas vidas. É verdade que o apartheid está morrendo, mas seria um erro grave e custoso concluir que ele já esteja morto. A conduta recente do regime racista de Pretória mostra que os advogados e praticantes do apartheid não estão conformados com o fato de que o apartheid deva morrer. Através de uma série de meios insidiosos e violentos continuam a salvaguardar tudo que podem do apartheid, tentam até mesmo ressuscitá-lo por inteiro. As atividades secretas do Governo De Klerk reveladas recentemente, naquilo que passou a ser conhecido como Inkhatagate, colocaram em grande perigo o processo de paz na África do Sul. A falha do Sr. De Klerk em tomar medidas corretivas, corajosas, colocou também em perigo a integridade do processo de paz.

Nenhum dos raciocínios em ziguezague aplicados pelo Sr. De Klerk em sua resposta ao escândalo Inkhatagate, pode convencer qualquer pessoa honesta de que ele e seu governo não devam aceitar a responsabilidade por qualquer ruptura na iniciativa de paz que possa seguir-se.

O Congresso Nacional Africano, Sr. Presidente, é o iniciador do processo de paz na África do Sul. Em 1986, comecei a escrever ao então Presidente Botha, do regime, indicando a ele que a única solução para o impasse político da África do Sul seria que o seu governo levantasse o banimento ao Congresso Nacional Africano e que negociasse uma resolução política.

Tivemos sucesso em convencer o governo depois de quatro anos engolindo vários insultos provenientes deles. O compromisso do ANC com relação a uma solução pacificamente negociada na África do Sul é, portanto, inquestionável e inabatível.

Enquanto estamos comprometidos com o processo atual na África do Sul nossas políticas, a título de Congresso Nacional Africano, devem ser determinadas pelas realidades duras que nos confrontam em diversas ocasiões. Nesse momento, a realidade dura é que o Governo do Sr. De Klerk tomou certas atitudes elogiáveis que ajudam a desmantelar o apartheid, para que o seu Governo possa, sem se submeter a mudanças fundamentais e irreversíveis, ser aceito na Comunidade de Nações.

Daqueles países da Comunidade Internacional que compulsivamente procuraram recompensar o Governo De Klerk, removendo sanções e outras pressões, é razoável que deles possamos esperar uma revisão de políticas, igualmente dos países cujas políticas elevaram o Inkhatata de um pequeno partido político do Bantustan a uma condição de suposto representante da opinião africana, apesar das evidências em sentido contrário. Enquanto relegaram o ANC, a organização política mais popular da África do Sul, aquela que eles chamaram de organização terrorista, enquanto isso perdurar, temos razões de esperar por uma mudança de política.

É tempo de a comunidade internacional recompensar o povo da África do Sul como um todo, desempenhando um papel que garanta uma transformação rápida da África do Sul, do apartheid, em um Estado democrático não racial. Nesse sentido, instamos todos os governos a apoiarem a nossa demanda por um governo interino que possa supervisionar o período de transição na África do Sul. As recentes revelações provam, sem qualquer dúvida, que o regime atual não pode ser ao mesmo tempo jogador e juiz. No processo de negocia-

ções sul-africano, nós instamos, convidamos a Comunidade Internacional a apoiar nossa demanda de eleições livres, justas e universais, para eleger uma Assembléa Constituinte que possa estabelecer uma nova Constituição para a África do Sul.

Sr. Presidente, Srs. membros do Congresso, senhoras e senhores, permitam-me usar esta oportunidade para agradecer ao povo do Brasil e a seus sucessivos governos o apoio constante à nossa luta todos esses anos. Nossa visita ao seu lindo país convenceu-nos que podemos contar com seu apoio nesses tempos difíceis, porém promissores. Quando olhamos para o futuro, para um tempo quando o apartheid terá sido inteiramente vencido, vemos o grande potencial de cooperação entre o Brasil e a África do Sul.

Esperamos que nossa visita ao Brasil tenha lançado as fundações da cooperação futura para o benefício de ambas as Nações.

Finalmente, Sr. Presidente, gostaria de usar esta oportunidade para lhe agradecer e aos membros do Congresso Nacional por me terem concedido o Grão-Colar, bem como a calorosa acolhida que nos foi reservada por todo o povo do Brasil. Nós, no futuro, olharemos para trás, para esta ocasião, com as recordações emocionadas.

Aceito o Grão-Colar não como um indivíduo de qualidades excepcionais, mas aceito-o como reconhecimento da luta das massas na África do Sul, luta contra a opressão racial. Mais uma vez repito: quando no futuro olharmos de volta para a data de hoje, o faremos com recordações emocionadas. Por enquanto voltamos para lá com mais força, com mais inspiração e mais esperança para prosseguirmos em nossa luta. E com toda humildade digo: muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Mauro Benevides) — Ao declarar encerrados os trabalhos desta sessão solene, desejo agradecer a presença do Líder Nelson Mandela que aquiesceu ao convite do Congresso Nacional para aqui ser homenageado.

Agradeço de igual forma as presenças do Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Genésio Bernardino, dos Srs. Embaixadores, dos Srs. Ministros de Estado, do Sr. Presidente e membros dos Tribunais Superiores, dos Srs. Secretários do Governo Federal, dos Srs. Senadores e Srs. Deputados e demais autoridades.

Designo a mesma comissão de Líderes para acompanhar Nelson Mandela até o Salão Negro do Congresso Nacional.

Está encerrada a sessão. (Palmas.)

(Levanta-se a sessão às 19 horas e 36 minutos.)

PÁGINA ORIGINAL EM BRANCO

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

PREÇO DE ASSINATURA

(Inclusas as despesas de correio via terrestre)

SEÇÃO I (Câmara dos Deputados)

Semestral Cr\$ 5.770,57

SEÇÃO II (Senado Federal)

Semestral Cr\$ 5.770,57

J. avulso Cr\$ 117,93

Os pedidos devem ser acompanhados de cheque pagável em Brasília, Nota de Empenho ou Ordem de Pagamento pela Caixa Econômica Federal — Agência — PS-CEGRAF, conta corrente nº 920001-2, a favor do

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

Praça dos Três Poderes — Brasília — DF

CEP: 70160

Maiores informações pelos telefones (061) 311-3738 e 311-3728 na Supervisão de Assinaturas e Distribuição de Publicações — Coordenação de Atendimento ao Usuário.

MACHADO DE ASSIS E A POLÍTICA

Livro de crônicas de Machado de Assis sobre o *Senado do Império*.

Apresentação do Senador NELSON CARNEIRO, Presidente do Congresso Nacional; dos escritores Austregésilo de Athayde, Afonso Arinos, Afrânio Coutinho, Carlos Castelo Branco, Luiz Viana Filho, José Sarney, Josué Montello, Marcos Vinícius Vilaça, Raymundo Faoro.

“Política, como eu e o meu leitor entendemos, não há. E devia agora exigir-se do melro o alcance do olhar da águia e o rasgado de um vôo? Além de ilógico seria残酷.”

(DRJ, 1-11-1861)

“Cada Ministro gosta de deixar entre outros trabalhos um que especifique o seu nome no catálogo dos administradores.”

(DRJ, 10-12-1861)

Edição comemorativa do Sesquicentenário
de Nascimento de Machado de Assis.

“Deve-se supor que é esse o escolhido do Partido do Governo, que é sempre o legítimo.”

(DRJ, 10-11-1861)

“Em que tempo estamos? Que País é este?”

(DRJ, 12-6-1864)

“Se eu na galeria não posso dar um berro, onde é que hei de dar? Na rua, feito maluco?”

(A Semana, 27-11-1892)



Edição Limitada
ADQUIRA SEU EXEMPLAR

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

Praça dos Três Poderes — Caixa Postal 1.203 — Brasília — DF — CEP 70160

Maiores informações pelos telefones (061) 311-3738 e 224-5615, na Coordenação de Atendimento ao Usuário — Supervisão de Assinaturas e Distribuição de Publicações.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

**Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990:
Dispõe sobre o Estatuto da Criança
e do Adolescente, e dá outras
providências. (D.O. de 16-7-90)**

Legislação correlata

**Convenção sobre os direitos da criança
(DCN, Seção II, de 18-9-90)**

Índice temático

**Lançamento
Cr\$ 1.000,00**

**À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas - Senado Federal,
Anexo I, 22º andar - Praça dos Três Poderes, CEP 70160 - Brasília, DF
- Telefones 311-3578 e 311-3579.**

Os pedidos a serem atendidos através da ECT deverão ser acrescidos de 50% (cinquenta por cento) de seu valor para a cobertura das respectivas despesas postais e acompanhados de cheque nominal à Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal ou de vale postal remetido à Agência ECT do Senado CGA 470775.

JK

O ESTADISTA DO DESENVOLVIMENTO

MEMORIAL JK

**SENADO FEDERAL
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS**

**Lançamento
Cr\$ 2.000,00**

**À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas - Senado Federal,
Anexo I, 22º andar - Praça dos Três Poderes, CEP 70160 - Brasília, DF
- Telefones 311-3578 e 311-3579.**

Os pedidos a serem atendidos através da ECT deverão ser acrescidos de 50% (cinquenta por cento) de seu valor para a cobertura das respectivas despesas postais e acompanhados de cheque nominal à Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal ou de vale postal remetido à Agência ECT do Senado CGA 470775.

CÓDIGO DE PROTEÇÃO E DEFESA DO CONSUMIDOR

- Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990 - Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências
- Dispositivos vetados e razões dos vetos
- Legislação correlata
- Índice temático

Lançamento
Cr\$ 800,00

À venda na Subsecretaria de Edições Técnicas - Senado Federal,
Anexo I, 22º andar - Praça dos Três Poderes, CEP 70160 - Brasília,
DF - Telefones 311-3578 e 311-3579.

Os pedidos a serem atendidos através da ECT deverão ser acrescidos de 50% (cinquenta por cento) de seu valor para a cobertura das respectivas despesas postais e acompanhados de cheque nominal à Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal ou de vale postal remetido à Agência ECT do Senado CGA 470775.

**Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 07/1203
Brasília — DF**

EDIÇÃO DE HOJE: 16 PÁGINAS